



Director, adm. e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Eiras.—Editor —Julio de J. Giesteira Lima.—Composição e impr.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Ann 1, sem estampilha 8\$000 rs. — Com esta pilha e para fóra 10\$000 rs. — Brasil, (Moc. la forte), 30\$000 rs.—Colonias Portuguezas, 25\$000 rs.—Numero e vulso 200 rs.—Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 esc. — Anuncios ptticulares: linha 70 c. Comum. ou reclames, linha 50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c.— Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

Este n.º foi visado pela Comissão de Censura de Viana do Castelo.

## A DESMORALISAÇÃO

II

A maior parte do desenvolvimento da imoralidade cabe, em grande responsabilidade aos chefes de familia, que põem no vestuário dos filhos a formação do caracter de que são dotados.

O marido, que pelas suas quotidianas occupações, é forçado a deixar o lar para cumprir pontualmente as suas obrigações, não só não deve esquecer o dever que tem em olhar pelos seus descendentes familiares, como, também ser o juiz e conselheiro da esposa, dando-lhe os seus conselhos, emitindo o seu parecer, exigindo, até, o cumprimento das suas ordens terminantes, embora saiba que elas vão ferir os caprichos da consorte.

Esta, que do arranjo do lar tem também a responsabilidade desde a hora do levantar á hora da recolha, onde em tudo mostra a rigorosa economia na aquisição do indispensavel á vida,—aos filhos é que hoje já não parece ser a mesma mãe antiga, porque os deixa ir ao desgoverno da Moda e na dissolução dos costumes.

Não é uma mãe modelo, não pode ser uma esposa virtuosa, aquela que não educa os filhos no amor ao trabalho, nem os encaminha com a sua sabedoria e critério na arte de bem-vestir, bem-calçar e bem-viver.

Não é, não pode ser uma filha honesta, aquela que se arroga a apparecer em público em trajas menores, peito decotado, braços nus, lábios pintados, enfim, uma infinidade de retoques que abonecaram as gerações modernas, fazendo-as, das crianças fraldiqueiras sem vestidos e dos jovens rapazes pífios rambóias e meninos bonitos.

Aqui, é onde eu vejo a transparência paterna.

Se o pai consente com uma gargalhada e a mãe sorri com uma ironia ás admirações repreensíveis das suas conductas, mal cerzidas, não tem, nem elle nem ella, o direito á estima e á consideração das pessoas de respeitabilidade, porque são os pomos concorrentes da degeneração social.

Sim; porque, *pela roupa é que se conhece o modelo francês...* E os cabarets desta nacionalidade... sóram quem nos deram os melhores figurinos que puzeram um real

## A Imprensa

Ao Sr. José da Silva Vieira, Ilustre Director de «O ESPOZENDENSE».

I

¿Luz espiritual jurrando a flúx  
Dos livros e jornais, Sciencia e Crença,  
Quem é que acende o facho teu, ó Luz?  
—A Imprensa!

¿Quem grava em caractéres á Humanidade  
A Ideia, que vê—Razão, que pensa?  
Quem dá ao mundo vida e Liberdade?  
—A Imprensa!

¿Quem faz a Hitoria e ilumina os Povos  
Da noite—ignorancia em treva densa?  
¿Quem dá o alarme dos inventos novos?  
A Imprensa!

II

A Imprensa é a álanca do progresso,  
O facho enorme que incendeia o espaço!  
Em noite e dia a vomitar jornais,  
Trabalham sempre as *linnotips* d' aço!

Sai para a rua êsse diário, enfim...  
Quem é que sua para que elle exista?  
Lápis em em punho, dentre a multidão,  
Não vêz um homem?—É o Jornalista!

E quem sustenta, êsse diario enorme?  
Os tipografos 'inda e muitos mais...  
Sustenta o garotito macilento  
Que apregôa nas ruas os jornais!

III

Ó Luz, ó Luz que vais a tôda a parte,  
Do palacio marmoreo ao pobre albergue,  
Bendita sejas, Luz!  
Saúdo em ti—sem forças p' ra cantar-te—  
O Génio Guttemberg!...

Porto, 1929.

Vinha dos Santos.

título ás mulheres daqueles antros de perdição, tão bem reproduzidas nas nossas ruas e praças, que, se não vão na vanguarda da *liberté*—(como lá se diz)—ensaiam já os primeiros passos na ilegalidade da familia e na usurpação dos logares que pertencem ao homem, por direito de conquistista, na escala social superior, portanto, sobre a categoria da mulher.

Então a repressão dos chefes de familia como acaba de depreender-se passa a ser um mito, pela ineficácia, porque é deles que advéem esses descalabros.

Compete á Escola, á Universidade, á Igreja, ao Estado, ao Funcionalismo, honrar as suas posições, as suas disciplinas, os seus dogmas, as suas leis e o seu civismo, formando uma campanha reaccionaria—barreira erigida onde não seja recebida a incensatez dos mediocres de intelligência, só porque tiveram a habilidade de amearhar uns escudos para pavonearem a sua vaidade... que não passa de estulta e de perversa...

Pois!...

Se o Estado promulgou a sua separação official da religião dominante, não deve ser consentâneo que a liberdade desse Estado seja abusada ao ponto de contaminar a indole nativa da raça, que participa da fé que domina três terços da Europa e da America.

\*  
\*

Eu creio que são os produtos da guerra... efeitos da guerra... consequências da guerra, talvez para atenuar os grandes males que a guerra causou a todas as nações beligerantes, e de onde nasceu mais o amor á Patria na adoração da mulher, que na lucta o soldado a sentiu sempre, até no fragor das batalhas...

Sim, creio, firmemente, porque tudo concorre para a tendência restauradora dos braços que tanta falta fazem para a regeneração económica de todos os Estados no concerto do Progresso abalado.

Mas então, seja-se prudente nos habitos e nos costumes, para que se não gerem scenas rocambolescas, de que tanto exemplo nos dá o cinema, e onde em tudo, nadando a onda do amor, desliza tambem a nódoa do crime, repugnante sempre na história, como infame sempre na humanidade.

Porto, 1 de Agosto 1929.

JOÃO LANDOLT.



**APOLOGÉTICA AGRÍCOLA**

As mentras convencionaes do nosso tempo. — O retrato do verdadeiro lavrador. — As illusões nefastas e as verdades luminosas.

A agricultura atravessa uma crise grave e profunda, por falta de homens que saibam amarrar a terra e defendê-la ardorosamente. O urbanismo e os prazeres estonteantes que as grandes cidades oferecem aos incautos, aos ambiciosos e aos espiritos frívolos a todos seduz e desvaira.

Dai resulta o infalível abandono dos campos que se verifica cada vês com mais crescente intensidade.

A lavoura é a eterna victima.

Todos a aviltam e desprezam a principiari pelos próprios camponeses. Raros são mesmo aqueles que — por verem a sua decadência progressiva — não lhe atiram a sua pedrada.

Bem sabemos que isto é humano, mas nem por ser assim deixa de constituir uma injustiça.

Aquele que adopta por norma e por divisa a sentença de Juvenal — *Vitam impendere vero*, qual é consagrar a vida á verdade, não pode deixar de defender a agricultura dos ultrages e sarcasmos com que a ignorancia de quasi todos e a má-fé de muitos a têm grosseiramente afrontado.

A terra é hoje, entre nós, uma vencida, mas isso não importa. Nem todos a abandonam e é nas horas dolorosas e incertas que se conhecem os amigos.

Podia recordar-se neste caso a famigerada alusão de Lucano á fidelidade de Catão: *Vitrix causa diis placuit, sed victa Catoni* — Os deuses foram pelo vencedor, mas Catão pelo vencido.

Assim procederemos nós. Todavia, este facto não quer dizer que vimos enaltecer, incondicionalmente, a lavoura, tal como ela se pratica.

O nosso lavrador está muito longe de ser o lavrador-simbolo que seria para desejar. Pode mesmo dizer-se que é ele o maior inimigo da sua profissão, o seu maior detractor!

Começa porque tem vergonha de ser o que é, como se porventura o trabalho honesto desonrasse alguém.

Ainda ha pouco tempo aconteceu numa freguezia rural do Minho um facto que dá bem a ideia do que é o agricultor português, na sua maioria: um camponês apedrejou dois individuos só porque estes o chamaram aquilo que eie era de facto — *lavrador!*

Não admira, pois, que as populações citadinas façam troça da agricultura, quando é certo que

são os próprios camponeses que renegam a sua profissão.

Compare-se esta mentalidade inferior com a noção desempoeirada da vida que ha no estrangeiro, onde até os maiores financeiros não desdenham cuidar pessoalmente das suas culturas.

Em França, um dos maiores proprietarios ruraes em vês de occultar a sua qualidade de agricultor, é o primeiro a ufanar-se dela. Nos bilhetes de visita, ao centro, por baixo do seu nome — *M. Yzeux* — aparece esta palavra honrosa: «aldeão». E á esquerda, como divisa, este pensamento:

«Deus fez-me sementeiro: semeio a beleza, a bondade, a felicidade».

Isto pode parecer estranho para o espirito defeituoso de certa gente que só considera «distintas» as profissões intellectuaes, mas que, quando chega a hora do jantar, em vez de saciar a fome com... literatice trata mas é de comer todos os géneros alimenticios que da terra veem.

De resto, no nosso paiz escasseiam os lavradores de escol. Ha apenas camponeses que vivem amarrados á lavoura, como a um supplicio — lavradores que não possuem a mínima noção dos seus deveres e das suas obrigações.

Sentindo-se num meio hostil e aferrados a uma ignorancia em matéria agricola que só possue equivalencia na sua teimosia, o lavrador ou se deixa cair no fatalismo inerte e improgressivo ou trata de fugir para a cidade — julgando que assim se *liberta!*

Em vês de estudar os novos processos culturaes, em vez de se agremiar e procurar mercados para os seus productos, limita-se a viver infeliz e humilhado por aquilo que os outros possam pensar dele, sem considerar com o Padre António-Vieira que *nada nos afronta, quem diz mal de nós mentindo.*

De resto, era ainda este eminente autor quem afirmava o seguinte:

«As rasões proprias nascem no entendimento, as alheias vão pegadas á memoria: e os homens não se convencem pela memoria, senão pelo entendimento.»

Quem tem a consciencia do que faz, nada receia os juizos alheios.

Se o lavrador português renega tantas veses a sua profissão é porque não sabe comprehender a sua importancia social, é porque não sabe cultivar a terra com intelligencia e amor — transformando a agricultura na mais bela, saudavel e fructuosa das sciencias.

Mas o mal está na falta de exemplo que devia partir das clas-

ses mais cultas, as quaes só tinham a beneficiar consagrando-se á agricultura. Essas, porém preferem morrer de fome nos grandes centros, a viver na abundancia cuidando das suas propriedades por temerem muito simplesmente as vozes estultas do mundo, que afinal de contas sempre se fazem ouvir, como reza a velha quadra tão conhecida de todos:

Quem fez a casa na praça  
A muito se aventurou:  
Uns dizem que ficou baixa,  
Outros que de alta passou.

Ora para este mal, que é comum a todas as sociedades, mormente ás mal organisadas e fallhas de educação, só ha um remédio, o qual consiste pôr em practica esta velha recommendação:

«Teu visinho ouvirás —  
tua porta fecharás — tua  
boca calarás — se quizeres  
viver em paz».

De resto, o lucidissimo espirito de Castilho dizia com razão que *a occupação agricola se tem espinhos, a verdura, flores e frutos lhos disfarçam...*

Todos os modos de vida oferecem contrariedades e desvantagens.

A agricultura é ainda a de mais proveitosos e seguros lucros, a mais sadia e livre das profissões.

Mas assim como ha maus medicos, maus engenheiros ou maus artifices, tambem ha maus lavradores.

E a desgraça do paiz está em predominar entre nós o mau lavrador — quando tanto se carecia de quem cultivasse com sciencia e consciencia, com patriotismo, com orgulho e amor, o solo uberrimo e bendito da Pátria.

Mario Gonçalves Viana.

**PERTO DAS ONDAS...**

(Crónica Ilgeira)

Espozende v'rançando. — A praia de Suave-Mar, as *Venus de maillot* e o *Fra-Angélico* do «Noticias». — Um jornal que se tem imposto pelo seu bairrismo.

Espozende, terra de paizagens coloridas como as estampas da moderna litografia, de encantos e de graças, atirou para o canto a capa quixotesca do inverno e, desenvolta, leve e gracil como a mitológica Primavera, vestiu a *toilette* branca de veraneante, de banhista despreocupada...

Iniciaram-se as camionagens diárias para a praia, ali proxima, a dois passos de galgo como diria qualquer «globetroter», uma praia suave de Suave Mar... Os logares enchem-se de gente

e de gargalhadas argentinas, com o timbre musical do sexo frágil.

A estrada desaparece sob o «chassis» do carro que nos conduz, branca, muito branca, como uma fita quilometrica interminavel que se vai enrolando com vertiginosa rapidez. De resto, já nada nos admira neste século xx dum futurismo excentrico, futurismo tal que virá sempre mais para tarde, para o seculo da velocidade maxima.

Num momento avista-se a praia. Descemos ao Mar, — brando, sem uma ruga dum azul de lago profundamente infinito.

Como por magia, as banhistas dispersam-se pelo areal macio. Improvisam-se desportos ligeiros, de uma ligeireza ingénua, iniciam-se conversas intimas, sob as barracas listradas de azul ou vermelho que uma brisa débil torna pandas.

De dentro saem para a água as deliciosas «girls» portuguezas, como diria um cronista mundano num jornal da capital, essas outras tantas *Venus de maillot*.

Há, no entanto, quem prefira andar descalço, a mergulhar, com gritinhos de arrepio, os pés nus na flor da espuma, branca e rendilhada.

Faz gôsto ver a água subir, envolver os tornozelos e recuar novamente para o seio glauco donde veio para beijar a terra.

Nesta atracção constante, a alma expande-se e o pensamento sobe num vôo imenso, num vôo de águia ás regiões do Belo. E' que tudo o que vemos, desde o rochedo limoso onde as algas vivem e onde a vaga se desfaz em poalha alvissima de espuma, até á amplidão extensa que se casa no horizonte com a outra amplidão — a amplidão do azul celeste — mostra um livro imenso: a Natureza.

A brisa subtil volta, a seu capricho, as páginas mais belas que jámais temos visto. São páginas que se não lêem, mas que se olham, páginas que embriagam de luz e cor as nossas retinas.

Guerra Junqueiro chamou-lhe a única e verdadeira Biblia, e, na verdade, não há ninguém que não admire extasiado um poente cor de oiro ou uma madrugada cor de rosa. Não há ninguém, por mais férreo que tenha o coração, que não ouça com agrado o canto harmonioso das aves numa manhã de Agosto, banhada de sol, esfusiante de luz.

Espozende é uma dessas páginas que agora a viração abriu. O casario branco alinha como um batalhão marcial ao longo das ruas limpas.

E' pena que o seu porto de pesca esteja inacessivel até ás próprias embarcações de pesca, que o rio Cávado, bastante largo, mas pouco profundo, não este-



ja em condições de boa navegabilidade.

Um jornalista distincto que se oculta sob o pseudónimo interessante de Fra Angélico, tem escrito sobre Espozende uma série de crónicas onde exalta a beleza da vila e, principalmente, a suavidade da sua praia, que reputa das melhores do paiz.

Quando leio o *Jornal de Noticias*, o jornal do Povo, por excelência, envaideço-me ao ler duas linhas que indicam, com prazer nosso, que Espozende ainda não foi esquecida. Como fanguieiro de gêma, sou amante da minha terra e por Espozende, embora não seja meu berço natal, tenho uma simpatia profunda.

Sr. Fra-Angélico, em nome dos Espozendenses, em nome do bondoso povo desta terra, obrigado! Este jornalzinho onde escrevo as quasi primeiras linhas duma carreira em esbôço, indecisa e cheia de dificuldades a vencer, é um órgão bairrista que me permite a publicação destes insignificantes arrasoados. E' das suas colunas que o saúda o povo de Espozende!

Nota curiosa: há dias, fui, ali no *Excelsior*, abordado por um amigo desses que abundam e aos quais eu chamo pomposamente *amigos de café*...

Falou-se, discutiu-se e veio para a baila o *Espozendense*.

—Sabe, ó Vinha dos Santos, o «Sporting» dizia qualquer coisa sobre um jornal de Espozende...

—?...

—E' verdade, prosseguiu mexendo vagarosamente o café.

Como a impaciencia me espicava, atirei-lhe um «diga lá homem» tão perentório, que o outro poisou a chavena que levava aos lábios e explicou:

—Esse jornal inseria um artigo referente ao *Espozendense*, você conhece, elogiando-lhe a maneira como fazia a propagação das belezas da terra, publicando fotografias todos os numeros...

—Bravo exclamei entusiasmado.

E ali mesmo fiz-lhe a apologia do concelho, começando pelas belezas naturais e acabando na industria, comércio e agricultura.

Com o meu temperamento pu-lo ao facto de tudo, falei-lhe da Praia, do rio, do Mar. E ele ouviu-me até á ultima palavra, ficando a admirar uma terra que não conhecia.

O *Espozendense* é um jornal de provincia que prima pela sua boa orientação prudente e acertada na senda espinhosa do jornalismo provinciano.

Tem uma vida de existencia, auspiciosa!

Pena é que Fão, onde tantos jornais tem visto a luz da publicidade, não coadjuve quem faz sair da humilde «Minerva» aquella fôlhasinha de papel impresso que vai a toda a parte levar uma noticia sua, ou pedir um melhoramento mais.

Porque um jornal, pequeno que seja, é a alavanca propulsora duma terra, fazendo-a progredir e tornando-a conhecida.

Vão já longas esta notas em que me estendi um pouquinho.

Passi á frente, saltei as dunas da praia de Suave-Mar, transpuz a estrada e fui acoitar-me, por assim dizer, na redacção dos jornais.

A's vezes principiamos um artigo sem lhe advinhar o fim comquanto tenhamos feito previamente o estudo do assumpto.

Espozende, 1929.

Vinha dos Santos.

## Barcellenses de antanho

Passa em 8 do mez vindouro o 50.º aniversário da morte de um dos mais prestimosos, de um dos mais dignos filhos da poetica e encantadora princeza do Cávado.

Em Setembro de 1879, falecia, em Barcelinhos, Antonio Maria do Amaral Ribeiro. Talvez poucos barcelenses se recordem do seu nome, conheçam o seu character impolluto.

Amaral Ribeiro que nascera em 1809, em 3 do mesmo mez, na Rua de S. Francisco, emigrou muito cedo para o Brasil. Pela sua instrucção e aptidão serviu no consulado de Portugal em Porto Alegre, desde fevereiro de 1832 até Maio de 1859, primeiro como Chanceller, depois como vice-consul, tendo-lhe sido conferidas, por decreto de 20 de Agosto de 1860, as honras de consul de Portugal.

Da sua passagem pela bella terra gaúcha, pela capital do Estado do Rio Grande do Sul, ficou lá um marco eterno:—o Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficencia, fundada por elle em março de 1854, e que, por occasião do seu meio seculo de existencia com tanto entusiasmo se referiu a elle a imprensa sulina, recordando o nome desse illustre barcellense, que uma das ruas de Porto Alegre recorda o seu nome.

A hospitalidade a mim dispensada pelo bonissimo Snr. Silva Vieira, nas colunas do «*Espozendense*» vae permitir-me que transcreva aqui as linhas abaixo do n.º 608, da *Aurora do Cava-*

*do*, do grande e distincto advogado Dr. Rodrigo Veloso, sobre o nosso morto:

«Finou-se em Barcelinhos, pelas 9 horas da manhã, do dia 8 do corrente depois de aturados e dolorosissimos padecimentos que sempre supportou com heroica coragem e animo inquebrantavel, o snr. Antonio Maria do Amaral Ribeiro, consul honorario, comendador de N. Senhora da Conceição e membro honorario de diversas sociedades literarias e humanitarias.

«Era uma alma de aço fino e coração de rija tempera, daquelles para quem Sá de Miranda escreveu:

«Homem d'um só rosto,  
«d'um só parecer  
«Dantés quebrar que torcer.

«Consul de Portugal por muitissimos annos na provincia do Rio Grande do Sul, no Brazil, ahi prestou valiosissimos serviços ao paiz, propugnando sempre á custa dos maiores sacrificios e trabalhos, e por todos os meios ao seu alcance, pelos interesses de nossos concidadãos e pela honra da patria. Ainda hoje, apesar de tantos anos já decorridos desde que volvera á patria, o seu nome é alli memorado como o de «prestantissimo cidadão, funcionario exemplar e inteiramente devotado ao cumprimento dos seus deveres, e character immaculado em pontos de honra.

«Havemos a acrescentar que de si tambem no Brazil deixou larga e honrosa memoria como escriptor publico, e essa memoria tambem a consagram para amplo futuro os ultimos annos de sua vida entre nós, com os «inumeros, vigorosos e portuguesissimos escriptos que de sua penna, durante esse periodo jorraram a flux.

«A facilidade com que escrevia, reunia uma vasta somma de conhecimentos que sua felicissima memoria jámais trahira.

«Era S. Ex.<sup>a</sup> membro do centro progressista desta villa.

«Pouco é o que ahi fica dito para o que pedia a larga e honrada vida de «de tão illustre cidadão, mas a estreiteza do tempo e o abatimento que nos causa, apesar de já esperado, a noticia da sua morte, não

«nos consente o alongar-mo-nos mais. Outros «haverá que o façam melhor do que nós.

Uma lagrima pelo amigo de outrora, e um testemunho publico do quanto respeitavamos o homem e o escriptor, é o «que só significam essas poucas linhas...

R. V.

O veterano e simpatico *Primeiro de Janeiro*, em 4 de Fevereiro de 1906, se referia a Amaral Ribeiro em termos gentilissimos, prestando-lhe uma homenagem, e reproduzindo alguns trechos da «Memoria descriptiva da villa de Barcellos» de sua lavra.

Repousa o nosso velho consul no cemiterio de Barcelinhos, minha aldeia natal, que revejo, com saudade, á distancia de 32 anos...

Como um respeitoso tributo ao character, á integridade moral desse barcellense, ahi ficam estas pallidas linhas.

S. Paulo, 10 de Agosto de 1929.

Antonio da Bouça.

## Higiene nas Padarias

A titulo de curiosidade publicamos o seguinte:

«O governo fez publicar na folha official varias determinações sobre higiene nas padarias, dentro das quais são prohibidos: dormitórios, cosinhas e refeitorios, tendo de existir, independente da officina de preparação de pão, um compartimento onde os empregados se vistam e ponham á sua frente um avental branco e na cabeça boné tambem branco.

«E' prohibido trabalhar ali com o fato de trabalhar bem como fumar nas officinas, que devem estar sempre com a maxima limpeza e aceio, não podendo fazer-se a limpeza a seco.

«Evitar que se alterem os fermentos, que se desenvolvam as moscas, ratos e baratas, e empregar agua potavel na preparação do pão.

«Colocar escarradores nas officinas e instalar retretes com autoclismo, separadas das officinas.

«O pessoal deve lavar-se e manter-se limpo, devendo ser instalados banhos de chuveiro com aquecimento e lavatorios, com agua corrente.»

## Camionete

Vende-se uma em optimo estado.

Nesta redacção se diz.



### BOLETIM DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE S. PAULO

De S. Paulo, Brazil, foi-nos enviado o numero 33, do quarto ano, volume 8.º, (1.º semestre), deste Boletim, pertencente a Junho do corrente ano, cuja sede é na rua Wenceslau Braz, n.º 11, daquela cidade.

Fste numero que temos presente é a continuação de outros e principia em pag. 507 e vae pag. 594, descrevendo por todas as formas a grande exportação de café-dos principaes paizes produtores do mundo.

E' este Boletim um repositório importantissimo de dados sobre as procedencias do café que muito ilucida e desenvolve aquele grande ramo de negocio.

O edificio da sede do Instituto do café em S. Paulo, Brazil, é um edificio monumental, cuja estampa vem reproduzida na capa deste numero.

Pena temos não possuir-mos, pelo menos, os 7 primeiros numeros do 1.º semestre de 1929, para assim não ficar-mos com tão util publicação truncada.

A' illustre direcção que dirige esta tão util publicação agradecemos a oferta do numero enviado e chamamos a atenção para o nosso pedido.

### "LUSITANIA"

O leitor já conhece com certeza esta preciosissima publicação que ha mezes se vem publicando no Rio de Janeiro, com este titulo, vastamente ilustrada de aproximação luso-brazileira e de propaganda de Portugal e seus dominios.

E' o que se chama um verdadeiro arquivo de tudo quanto ha de beleza e tradição de Portugal, desde o mais pequenino logarejo á grande e opulenta cidade de marmore.

Costumes, monumentos, arte, festas, ornamentações, tudo, ali vem descrito e ilustrado com fotogravuras que nada deixam a desejar ao curioso e amator de obras como esta que é digna de apreço e afeição.

Os numeros que temos presentes são o 9 e o 10, do seu 1.º ano, respeitantes a 1 e 15 de Junho, do corrente ano, que são o que ha de mais captivante pela vastidão de assunto que encerram.

Todas as terras portuguezas ali estão representadas não lhe escapando até o nosso humilde torrão que se revê na linda e tradicional romaria de S. Lourenço, Vila Chã, com a sua poética e lendaria procissão de andores floridos descendo a encosta da sua capelinha tão tipica e tão encantadora de tradições lendarias, bem como a linda Matriz de For-

jães e um aspecto da gruta grande, o Lago e a Torre da Quinta de Curvos, pertença do opulento capitalista sr. Antonio Rodrigues Alves de Faria, nosso conterraneo e dilecto amigo.

Eis, pois, descrito o valor intrínseco desta brilhante revista que tem como directores os ex.ºs snrs. Crysostomo Cruz e Corrêa Varela e redactor-chefe o sr. Joaquim Campos e secretario o sr. Vaz de Almeida, individualidades de destaque n'aquela meio e filhos de Portugal.

Esta redacção, gratissima em extremo pela oferta dos dous numeros recebidos, vem solicitar para não ficar com a colecção truncada, a amavel oferta dos n.ºs 1 a 8, mino que agradecemos antecipadamente.

A sua redacção e administração é na rua Tiradentes, 73-2.º, onde recebe pedidos de assinaturas, que são as seguintes:

Rio de Janeiro,	24 n.	35\$00
"	12 n.	20\$00
Estados	24	40\$00
"	12	25\$00
Exterior	24	60\$00
N.º avulso, Rio,		1\$50
Estados		1\$80

### «Noticias de Viana»

Este nosso presadissimo colega, órgão regionalista de Viana do Castelo, o jornal de maior circulação naquele districto, com uma informação muito proficiente, acaba de publicar um numero especial, distribuido em 18 de Agosto, com o fim especial de reclamo ás grandiosas festas de Nossa Senhora da Agonia e belezas naturaes do monte de Santa Luzia, uma das mais lindas estancias do nosso paiz.

Este numero vem repleto de magnificos escritos dos nossos melhores escritores, muitas indicações uteis e uma grande copia de anuncios commerciaes que dão um certo tic de arte ao numero, além de uma pomposa capa-rosto representando o suntuoso mosteiro de Nossa Senhora da Agonia e um quadro muito suggestivo dos costumes femininos e masculinos daquela região de alto valor e significado.

Traz muitas gravuras representando os mais importantes edificios de Viana, bem como do seu districto, como sejam:—Paredes de Coura, Ponte do Lima, Arcos de Val-de-Vez, Monção e Melgaço, que descreve em secções especiaes e grande quantidade de anuncios e notas biograficas das referidas terras.

Este n.º é muito descritivo e de uma propaganda intensa, contendo 68 paginas de leitura de 20x33, tantas são as de que se compõe este belo numero.

A' redacção do «Noticias de Viana», muito gratos pela deferencia amistosa da oferta do seu numero que muito agradecemos.

### DR. JOSÉ DUARTE CARRILHO

Regressou de Braga, onde se encontrava ha dias.

Em nosso poder um artigo seu que não publicamos hoje por falta de espaço.

### ENTRE NÓS

Estiveram no ultimo domingo entre nós, dando-nos a honra da sua amavel visita, o nosso distincto colaborador sr. Abel Vinha dos Santos, Candido Vinha Ferreira, nosso amavel subscritor e outros cavalheiros que os acompanhavam, cuja visita a esta redacção muito lhes agradecemos.

### A Mundial

Desta antiga e muito acreditada Companhia de seguros, fundada em 1913, na capital, recebemos o seu lindo quadro de impocrorações feitas até 1928 pela Mundial, as quais sobem a 25 companhias que se lhes agregaram com o capital realiado de 2.068.900\$00.

Por este quadro se verifica a opulencia desta Companhia, a mais poderosa do paiz.

Agradecemos a oferta.

### Canção do Telhal

Estamos de posse desta linda musica, oferta do sr. João de Ourique, musica e leira, que foi publicada em 1926 e oferecida á Casa de Saude de Telhal, por seu autor sr. Alberto Higino da Ponte e Souza, que se encobre com o pseudonimo acima de João de Ourique.

E' uma linda peça para piano e que muita honra o seu autor.

Agradecemos penhoradissimos a valiosa oferta que nos foi feita.

### CAMINHO DE FERRO DA POVOA A ESPOSENDE

O Conselho superior dos Caminhos de Ferro deu parecer favoravel á rapida construção da linha ferrea—Povoa-Esposende.

No proximo numero diremos.

### CLUB FLUVIAL

O nosso Club que concorreu á regata realisada na ultima terça-feira em Vila do Conde, brilhou como sempre, desempenhando o seu mister.

### DR. JOSÉ DE OLIVEIRA

Para o Porto partiu hoje o ex.º sr. Dr. José Maria de Oliveira, que ha tempos se encontrava na sua propriedade da Barca do Lago, freguezia de Gemezes.

**Maqueira Guerra**  
SOLICITADOR  
ESPOZENDE

### PASSAPORTES

### Agencia Brazil

DE

ANTONIO LOPES RODRIGUES D'AREIA

Preferir esta Agencia é ter a certeza de ir ao seu destino dentro da maior legalidade.

Antonio Lopes Rodrigues d'Areia

### CHOOP

NA HAVANEZA

### POMBO CORREIO

Apareceu um com as iniciais B. P. S. 10, na freguezia de Gemezes, lugar de Santães, (Escola), que se entrega a quem satisfizer a despeza feita com o mesmo e este anuncio.

?

### Maquinas Singer

para coser vendem-se a pronto pagamento e em prestações no Chic Parisiense, estabelecimento de fazendas de Emilio Fernandes, rua d'Areosa—Fão.

Reparações gratuitas durante 5 anos.

Dar a preferencia é ser bem servido.

**XAVIER VIANNA**  
SOLICITADOR

Encarrega-se de todos os assumptos forenses, no seu escriptorio á rua 1.º de Dezembro (antiga Direita) em frente á Camara Municipal.

### MUSICA PARA PIANO

### AMO-TE!

FOX-TROT

FOR

Sousa Ribziro Junior  
A' venda na CASA HAVANEZA e em todas as livrarias.

Preço 5 escudos.  
**ALPARGATAS**

Chegou um novo sortido  
Havaneza